

A BATAILHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.618

Quinta-feira, 6 de Março de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada de D. João, 35-A, 2.º L. Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de Impressão—Rua de Alameda, 111 e 113

A polícia esteve ontem de prevenção. Alguns conhecidos políticos e capitalistas abandonaram Lisboa. Circularam boatos inquietantes. Será um rebate de consciências atormentadas ou receiam-se graves acontecimentos?

Carestia da vida

Os dias vão rolando sucessivamente, sem que se tenha observado, por parte do governo, o menor intuito de procurar por qualquer modo pôr um dique à desenfreada especulação que em torno dos géneros mais necessários à vida se continua exercendo. As Juntas de Freguesia recolheram-se cuidadosamente a penates não tendo exercido a acção nem a agitação que os seus berrantes protestos e cartazes, ameaçavam. Vão-se os dias a ir e vir, e a intensidade das Juntas, visto que a vida continua subindo e subindo extraordinariamente e elas em face dos sucessivos aumentos mantêm-se num silêncio prudente. Poderá esse silêncio ser muito cómodo; o que ele está é longe de ser agradável aos consumidores que exigem, não menos protestos platónicos e intermitentes, mas uma acção positiva e persistente que ponha um dique à sinistra audácia dos assambradores. Recusaram as Juntas de Freguesia? Não. Mantiveram-se dentro do habitual papel, colocaram-se no tempo do seu empirismo.

E' que o problema da carestia da vida não pode ser atenuado com essa espécie de tijelas de água morna que são as moções de linguagem indignada e as sessões e inflamados discursos. A prova está em que a seguir à formidável manifestação de 22 de Fevereiro último, os comerciantes fizeram aumentar de preço muitos dos géneros mais indispensáveis à vida.

E que atitude tomaram as Juntas em face dessa provocação do comércio. Não tomaram nenhuma. Atregaram as reclamações ao governo — e esperaram. O governo nada fez. O comércio agiu.

O governo, pelo seu silêncio e pela sua passividade, consentiu. E o consumidor gemeu sob novos agravamentos da sua deplorável situação económica. E' fácil de calcular que os comerciantes só desarmam pela violência. E' pela violência que directamente os atingem, dovorados pela mais insólita ambição, atacados da febre da especulação nada atendem ao que se passa à sua volta. Só quando o povo se souber impôr, e impôr com desusada energia eles encolherão as garras e cessarão com a sua obra de esmoimento dos consumidores. E' acusado procurar a questão por outro lado. A carestia da vida só pode ser atenuada pela energia do povo. E essa energia tem ser empregada de maneira a convencer os comerciantes de que tem de contar com ela e moderar as suas ambições senão... senão o direito de legítima defesa nunca poderá ser contestado a quem tiver força para decisivamente e na hora própria, o usar.

NO MÉXICO

Um movimento revolucionário

que saqueia e destrói as organizações operárias

Envia-nos o Comité Central da Confederação Regional Operária Mexicana informações detalhadas sobre o movimento revolucionário capitaneado por Adolfo Huerta. Segundo essas informações, esse movimento tem características profundamente reaccionárias, tendo notórias as violências que tem sido praticadas contra o proletariado mexicano, violências que levaram este a defender-se energeticamente das suas arbitrariedades.

Os bandos armados de Huerta, na cidade de Jalapa saquearam a sede da Federação dos Sindicatos e destruíram as bibliotecas e todas as organizações de propaganda social. A Associação dos Inquilinos foi igualmente saqueada, tendo sido presos os directores que não recusaram de protestar contra essa obra selvática.

Em Crizaba e em Santa Rosa foram destruídas e saqueadas as sedes das associações de inquilinos tendo sido presos os militantes operários José Samaniego y Valência, Enrique e Manuel Sanchez Martinez e Fortunato Lopez.

A situação económica dos trabalhadores na zona que os rebedos ocupam é angustiosa. As fábricas de fição reduzem o pessoal a quinto dias de trabalho por semana e vão em breve devido ao estado de coisas criado pelos revolucionários, suspender a sua laboração. Os ferroviários trabalham 5 horas por dia e recebem uma pequena fração dos seus salários.

A 19 horas já se não pode transi-

NO PORTO

A mocidade das escolas e das oficinas

Mário Domingues realiza no salão do sindicato Único Metalúrgico uma interessante conferência —:— acerca das juventudes revolucionárias —:—

PORTO, 5.—Como estava anunciado, efectuou-se ontem a velada social promovida pelo Núcleo das Juventudes Sindicalistas desta cidade. Apesar da imensa maioria da população dedicar o dia aos detestáveis folguedos carnavalescos, o salão do Sindicato Único Metalúrgico encheu-se literalmente, restando-se bastantes pessoas por não ter lugar para ouvir a conferência do nosso camarada Mário Domingues.

Pode dizer-se que naquela velada estava redimido o esol do proletariado português, o qual preferiu os prazeres do espírito a ter de embrenhar-se nas imbecilidades e follas dos selvagismos do Entrudo imundo.

Mário Domingues fez nesta festa o que não pôde fazer no espectáculo da União dos Sindicatos Operários. Neste teve de limitar as suas considerações sobre o tema da "Solidariedade", visto que a representação da revista não podia ultrapassar a hora demarcada pelas autoridades civis. Naquela, porém, espraou-se mais à vontade acerca das juventudes revolucionárias, tratando, na sua interessante conferência, da mocidade das escolas e das oficinas.

Antes da proclamação da República, as juventudes da Universidade de Coimbra interessavam-se pelos problemas económicos e sociais, inclinavam-se para as ideias revolucionárias. E, que naquele tempo iam estudar, numa grande parte, os filhos das classes médias. Não possuindo riquezas, mas uma ansia enorme de cultivar o seu intelecto e o seu espírito, sentiam as mesmas necessidades de vida que o proletariado, tropeçando em mil e uma dificuldades para a aquisição de livros e para o pagamento regular do aluguer dos seus quartos e da sua alimentação. Por vezes, os estudantes viam-se cogitados a uma actividade em qualquer profissão, a fim de poderem, através de todos os sacrifícios, concluir os seus cursos.

Destarte, experimentavam as dure-

zas das desigualdades da sociedade capitalista, sentiam, directamente, os efeitos da miséria. Daí, o agitar-se de ideias de renovação social e o descerem até às massas espoliadas a despertá-las para a revolta...

Hoje, quem vai para as escolas, para as universidades, são os filhos dos novos ricos, aos quais nada lhes falta, a não ser a vontade própria de efectivamente querer adquirir conhecimentos científicos ou filosóficos. O que essencialmente os preocupa, é o snobismo, a conquista, mesmo através das importantes empenhuras, do título de doutor, e não a ideia de estudar verdadeiramente. Hoje, quem a tem são justamente aqueles que não podem frequentar as escolas...

As juventudes das nossas escolas, pois, são as juventudes na aparência; de facto, o que nelas predomina é a vertice. E' por esta razão que elas se constituem em juventudes católicas, integradas e quejandas coisas, para assim dar-lhes a impressão de que a mocidade está com as velhas tradições, com as velhas teorias de estancamento, quando não de regressão, político, económico e social.

E no entanto, verificou-se sempre que as juventudes tem impulsos para as doutrinas revolucionárias, sendo as primeiras a lançarem-se no travélio da grande luta pró-libertação humana.

São ainda as juventudes de hoje, as juventudes populares, as juventudes proletárias, das oficinas, sindicalistas, aquelas que accionam a marcha das ideias revolucionárias, que desenvolvem os acontecimentos cotidianos da luta anti-capitalista e estatal, por meio dos quais a humanidade há-de aportar a um mundo completamente novo, perfeccionado e refundido.

Mas se as juventudes foram sempre e são, ainda as propulsores da revolução social, das ideias nobres de perfeição — porque é que a mocidade rica, das es-

colas, não seguem este mesmo curso ideológico e humanista?

Pelo simples motivo porque é doente, porque é tarada, enfermista de sentimentos, embora aparente uma grande robustez física, a qual, afinal, é cheia de achaques, mercê do excesso de papirismo que tivera desde a infância, excessivamente entorpecida, agasalhada por causa das pontas de ar, das réstas de sol, etc., etc.

Apelidam as juventudes sindicalistas, as juventudes das oficinas, de utopistas. E' indispensável a utopia para o movimento das grandes coisas, que no campo científico, que no campo filosófico, social ou moral. Se fossem ao antigo cidadão da antiga Grécia dizer-lhe que haviamos de andar de aeroplano, ele, certamente, rir-se-ia do "alunático", se fossem ao antigo sábio grego afirmar de que seria possível andarmos léguas debaixo de água — ele talvez terminasse por enlouquecer. E todavia, hoje todos sabem que se vão de aeroplano, e que se viajam nos submarinos de baixo das mares. Pena é que estas facilidades sejam empregadas para a destruição da felicidade humana. A utopia, portanto, é campo aberto para as grandes realizações. Sem ela, não seria possível a evolução e a revolução científicas e sociais.

Censura-se, demasiadamente, a juventude desportiva. A rigor, o que se deve censurar é a sua irregularidade, o seu excesso, a sua quasi fobia e sobretudo, o erro das vaidades que se criam. Se não houvesse a tola preocupação de vencer este ou aquele grupo, para que no dia seguinte vejam os seus nomes estampados nos jornais, o próprio futebolismo traria grandes vantagens para o desenvolvimento físico do indivíduo. Assim, tal qual se pratica, é de resultados negativistas e funestos. Só serve para cultivar ódios e para partir pernas ou para originar esfaqueamentos, tuberculose, etc.

Fala-se também que o nosso país está perdido, com falta de indústria e com falta de técnicos, embora, por outro lado, se diga que ele é rico de recursos, que dentro das suas fronteiras possui de tudo. Ou está perdido e não tem nada, ou se tem alguma coisa e não se salva-se. Compete ainda às juventudes, compeli-lo Estado, os gover-

nos a que enriqueçam o país com escolas industriais, para que se não dê a vergonha de haver regiões industriais sem uma única para a criação de técnicos. Educado o operariado tecnicamente, melhor, no futuro, poderá conduzir-se a si próprio.

E', porém, precisa esta advertência: não suponham que logo no dia imediato ao da revolução entraremos num perfeito paraíso de felicidades. Não sabe mentir, como os republicanos, que prometem o bacalhau a pataco logo após a proclamação da república.

Falta a Revolução Social, teremos de suportar ainda maiores sacrifícios, porque teremos muito que construir, que reformar, que aperfeiçoar.

E essa revolução, essa transformação política, económica e social, será tanto mais leve, quanto maior for a nossa fé, a nossa dedicação e os nossos sacrifícios; será tanto mais completa e mais perfeita, quanto maior for o grau de consciência, de educação e de instrução das juventudes, das massas proletárias. Tem a certeza de que não gozará qualquer fruto da revolução, de que nela encontrará a morte. Mas foi devido a sacrifícios idênticos dos nossos antepassados, que nós hoje podemos estar aqui, reunidos numa comunidade espiritual, em vez de estarmos agrialhados nos in-paces das prisões feudais, se quisermos discutir a nossa escravidão e miséria. Quem pensar o contrário, é melhor colocar-se alheio e deixar-nos continuar à vontade na nossa luta pró-libertação humana...

Mário Domingues salientou também a necessidade da aproximação dos operários manuais e intelectuais, para que no futuro o trabalho seja livre de qualquer coacção.

Terminada a interessante conferência, o nosso camarada foi alvo duma vibrante salva de palmas.

Depois seguiu-se o recitativo de fados, poesias, o sorteio, etc., terminando a velada social quasi à noite.

Os agregados sociais

"Na sociedade humana tudo se liga, tudo é solidário; e basta romper-se o equilíbrio num dos seus agregados para que os demais agregados, mesmo os mais afastados, se ressentam."

A humanidade, nos seus primórdios satisfez as suas necessidades dentro dum só organismo homogêneo, uno, simples. A' semelhança da monera, cada parte do todo desempenha confusa e rudimentarmente todas as funções da sua vida simples. O agregado social correspondendo a necessidades grosseiras e vagamente sentidas era então uma confusa massa amorfa. As necessidades humanas ainda muito rudimentares satisfiziam-se por meio dum órgão rudimentar, simples, de natureza homogênea. Os fenómenos sociais passavam-se, coexistiam dentro dum todo em que um só órgão exercia, sem especialidades ou diferenciações, todas as funções. O mesmo órgão desempenhando funções diversas.

As necessidades genéticas, estéticas, intelectuais, morais, jurídicas e políticas, satisfiziam-se, ainda que rudimentarmente, dentro do mesmo órgão que então tinha por exclusivo a função económica. — a torda.

Não há ainda órgãos especiais cuja função seja satisfazer cada um desses grupos de necessidades.

E' dentro desse organismo económico, primitivo, que se satisfizem essas necessidades humanas, com carácter ainda rudimentar, mal esboçadas, simples, sem grandes exigências.

A confusão das funções encontra-se bem caracterizada no facto de que, quando há chefe — na horda, e mais tarde na tribo e no clan — ele é simultaneamente o regulador do trabalho, o distribuidor autoritário das utilidades, o chefe descriptivo da mulher e da sua progenitura, o supremo representante e intérprete da divindade, o absoluto conhecedor do bem e do mal, o arbitrário julgador e vingador do procedimento alheio, o intratável senhor a quem todos devem obedecer servilmente, o sanguinário general, o despótico e tirânico senhor dirigente.

Tudo se encontra, pois integrado no organismo económico rudimentar. Só com o tempo é que, intensificando-se as necessidades, estas criam sucessivamente órgãos especiais incumbidos de desempenhar as suas funções.

As ruas das cidades que estão em poder dos revolucionários, porque estes apoderam-se dos trabalhadores que encontram, a fim de aumentarem o contingente das suas forças. Os operários que são aporcionados tem de pagar uma forte multa e se se recusarem a fazê-lo serão conduzidos para a frente do exército revolucionário.

Eis, segundo o Comité da Confederação Regional Mexicana a situação em que os operários se encontram perante a atitude hostil dos revolucionários, situação a que não se submetem passivamente pois resistem com energia de armas na mão.

penharem funções distintas e particularizadas, começando esta especialização e diferenciação pelos órgãos mais simples e gerais, para terminar, para chegar à formação dos órgãos mais complexos e especiais. Da homogeneidade primitiva e grosseira passa-se progressivamente para a heterogeneidade subtil e intensiva.

A sociedade económica é a princípio simultaneamente familiar, religiosa, moral e jurídica e política, sendo impossível distinguir-se cada uma destas categorias de fenómenos sociais e destacá-las do conjunto.

Os indivíduos que se organizam para satisfazerem as necessidades económicas logo depois para satisfazer as outras necessidades mais superiores, mas sem dúvida menos exigentes. Para que os seres humanos sintam as outras necessidades e tratem de satisfazê-las, carecem de possuir um superfluo económico, um bem estar material suficiente de modo que a preocupação do estômago seja menos obscurante, que a luta pela existência seja menos aguda, menos intensa.

A diferenciação, a desintegração opera-se então imperceptivelmente, em virtude da indispensável divisão das necessidades e da consequente divisão de funções e de trabalho.

O primeiro órgão social que nós encontramos é, como já dissemos, a horda, cujo aspecto se assemelha ao rebanho e cuja função essencial é económica. O ser humano na luta pela existência, agrupa-se, forma uma sociedade para procurar satisfazer a necessidade mais geral e mais imprescindível — o comer.

Ainda mal saído da pura animalidade sem conhecimentos, nem raciocínio para produzir, os seres humanos limitam-se a procurar o alimento já feito, o seu trabalho consiste na busca dos alimentos que circulam e se produzem espontaneamente na natureza. Mas como a natureza é escassa e avara e nem toda a parte deles encontram o alimento pronto a ser devorado, eles unem-se, formam agregados, constituem uma empresa, cujo fim é angariar os meios da subsistência sobria, andando à mercê da sorte, em cada dos lugares onde a haja. E onde a descobrem aí param. Uma vez, porém, exgotado esse lugar, eles levantam o acampamento e metem-se novamente a caminho em procura de novos lugares em que haja comida.

Mas como neste período primitivo a regra económica é a de avar de rapina: consumir sem produzir, sucede que aos períodos de abundância se seguem os períodos de escassez, de fome e o maior inimigo do homem é o próprio homem.

As hordas, — as empresas económicas primitivas — são então rivais, inimigas. A fome determina que se veja em cada

NOTAS & COMENTÁRIOS

Uma declaração

Escrevo-nos o nosso camarada de imprensa Belo Redondo acerca da blague vinda nas notas de carnaval e que a ele se refere. «Não é por mais nada. A companhia é que não me agradou — diz-nos ele. Damos-lhe razão na sua discordância e até nos apressamos a dar-lhe a sua declaração.

Iso, de resto não modifica a nossa maneira de pensar pois não tivemos a intenção de confundir um trabalhador com um moçoiro.

Os fósforos

Pelo último aumento a Companhia dos Fósforos fornecia ao público duas qualidades de lumes: os amarelos e os de luxo. Acontece que quasi exclusivamente aparecem destes últimos. Os primeiros ou não aparecem ou só com dificuldade extrema se descobrem.

Quanto aos chamados fósforos de luxo o seu fabrico é deplorável. A todo o momento produzem incidentes bastantes desagradáveis.

Há fósforos que em vez de acender produzem queimaduras e algumas vezes tem acontecido incendiarem-se as caixas quando se tenta acender o primeiro fósforo. A Companhia dos Fósforos prova assim que confia que o governo lhe permita zombar do público e roubá-lo. Não provará o público de maneira eficaz que não está na disposição de ser alvo de roubos e zombarias?

Cinzas

Quarta-feira de cinzas foi um dia feio, desolado e triste.

Correspondendo exactamente à soma de três dias de carnaval — dum carnaval feio, desolado e triste. No governo civil saíram algumas máscaras em liberdade e pelas ruas uma ou outra gúrdia iam avarando que alguns estúpidos iam para os arredores da cidade recordar a tradição que fez dessa quarta-feira — um dia de comestas nas horas. As fisionomias que se topavam pelas ruas tinham quasi todas o ar, não de quem tinha esgotado o carnaval mas de quem miraculosamente tinha escapado dum epidemia e de cujo suor ainda guardava bem viva recordação.

semelhante um concorrente ao alimento humano, um motivo de haver menos probabilidade de a satisfazer. E como a inteligência não atinge a precisa elevação para compreender que, se uma luta, a força, a violência pode dar-nos uma momentânea primazia e corralivamos os alimentos de que carecemos, muito mais útil e duradouro seria combater esforços, conjugar actividades, exercendo solidariamente o auxílio mútuo, — as hordas despedaçam-se, destroem-se, — mercê das condições psíquicas e mesológicas da humanidade primitiva que não eram condúcentes a outro procedimento. Ela foi o que pôde ser.

Porisso, a horda não é só uma associação pacífica de exploração vagabunda em busca da alimentação; é também uma empresa que desempenha a sua função nutritiva dos seus membros, lançando mão igualmente de meios violentos, de lutas, de carniça-

AS JUVENTUDES SINDICALISTAS

Vão entrar numa fase de actividade e de realização progressiva dos seus objectivos — afirma-nos o militante —:— juvenil César de Castro —:—

As Juventudes Sindicalistas, vão entrar numa fase de grande actividade. Os organismos juvenis tem acompanhado, na medida das suas forças e com o seu ardoroso e generoso entusiasmo, todas as questões de palpitante interesse para o proletariado.

Um dos militantes das Juventudes Sindicalistas, o nosso juvenil camarada César de Castro ex-ôs-nos deste modo a situação das Juventudes Sindicalistas:

— A vida social, nestes últimos anos, tem sido cheia de sobressaltos e de lances empolgantes. E' uma vida agitada, cortada dos mais diversos encontros. Vida vertiginosa, que não permite a realização de uma obra construtiva. As persguições activas da policia, os embargos causados pelas autoridades tem-se repercutido na vida interna das Juventudes, suscitando-lhe dificuldades de toda a ordem.

— Essas dificuldades não são, evidentemente insuperáveis. No leixta grande força de vontade e decidido espirito de sacrificio, as dificuldades que surgem, aniquilam-se.

— Contudo, é bom acentuar que não são as perseguições que nos amedrontam, visto que elas fazem aumentar o número de jovens. Mas, obrigam a dispendir energias que se veem, devido à atitude da policia, forçadas a afastar-se dos objectivos principais das Juventudes.

— No actual momento?

— As Juventudes Sindicalistas vão procurar deliciar-se em prática alguns dos seus objectivos principais. Mas, para isso necessitam de organizar solidariamente a sua vida interna. Sem, permitam-me a expressão, pôr a casa em ordem, nada se pode fazer de efectivo e duradouro êxito.

Daqui o carácter exclusivista, fechado e agressivo que uma horda apresenta perante outra horda e o aspecto guerreiro que nos oferecem esses agregados primitivos. O seu fim é único: encontrar comida para os seus membros viverem. Os seus meios de o conseguir são a busca pacífica ou a guerra, a rapina contra a outra horda que as circunstâncias colocarem em presença, cujos interesses se contrariam, à minúcia de inteligência e de previsão.

A horda tem, portanto, uma natureza essencialmente económica, mas dentro dela satisfazem-se também algumas outras necessidades que determinam o esboço de futuros órgãos e aparelhos sociais com qualidades e atribuições típicas. Dentro da horda trabalham-se, exatam virtutalmente em embriões, os órgãos que mais tarde devem

— O Congresso Juvenil?

— Tem sido várias vezes adiado, devido a contrariedades de toda a ordem que tem, infelizmente entravado a sua realização. Calcule-se que essas contrariedades tem até chegado ao extremo de conduzir a momentâneas suspensões nos seus trabalhos.

— Agora?

— Os trabalhos interrompidos reatam-se. Temos esperanças de que o congresso se poderá realizar. E para que assim seja é indispensável que as juventudes sindicalistas sejam devidamente consideradas e se tenha em atenção os serviços que elas tem prestado ao movimento de emancipação do proletariado.

— E' necessário que os jovens se compenem dos sacrificios que são necessários para se levar o efeito o congresso. Se assim não for, o congresso existirá perpetuamente em estado de vaga e perpétua aspiração.

— O papel que as juventudes vão realizar?

— E' bem simples e é bem lógico. Realizar a obra educativa e de preparação revolucionária que de aos jovens a cultura e as qualidades necessárias para mais tarde virem a ser elementos conscientes na luta social. Essa obra educativa não se realiza evidentemente com palavras.

— E nesses casos...

— ...as juventudes vão, progressivamente, entrar na realização dos seus objectivos. Tem-se acusado os jovens de possuírem o culto da violência pela violência. Para desfazer essa preconceituosa opinião não seria melhor em vez de respondermos com protestos impropositivos, opormos-lhe uma obra de consciente educação e doutrinação?

— Concordamos plenamente. E nessa concordância terminou a nossa ligeira conversação com o militante juvenil.

corresponder às instituições sociais destinadas a satisfazer necessidades menos fundamentais e menos gerais, mas sem dúvida igualmente imprescindíveis a todo o ser humano normalmente constituído e integralmente educado.

As necessidades do ser humano, diz Guyot, implem-no para a vida, para uma vida mais intensa e mais larga, para um mais belo horizonte do ideal emancipador.

Dentro da homogeneidade primitiva em que todos fazem tudo, surgem então as diferenciações, as especialidades, as aptidões, de sexo, de idade e de temperamento, de indivíduo para indivíduo, que, por sua vez, constituem agregados, órgãos, aparelhos sociais, reunindo os indivíduos que tem as mesmas aptidões, as mesmas especialidades, os mesmos interesses e ideais fazendo assim, pelos esforços associados, novas conquistas, novas aquisições e tornando-se cada indivíduo um fa-

Grito de justiça

Rebemos a seguinte carta que passamos a publicar:

«O Clericalismo Romano, com as suas inquisitoriais tradições, de sobejo conhecidas da nossa história, o estabelecimento e permanência do Tribunal da Santa Inquisição no ano de 1536, o Grande Poder deste Tribunal, pelo qual, a toda a hora do dia ou da noite, se arrancavam de suas casas, cidadãos indefesos, e se assassinavam lenta e martirizadamente, existe ainda neste século, (XX), em Portugal, escudado pela palavra Republicana, e encoberto com uma Constituição que, falsamente diz conceder direitos e liberdades, mas que, na verdade, só concede a morte lenta, a todo aquele que, se revolta contra os crimes, tiranias e injustiças dos Senhores que se julgam Donos Absolutos deste Pobre Portugal.

Há mais de um ano que, sob o domínio do Poder Absoluto desta encoberta Inquisição, me encontro, esperando pacientemente o dia de ser levado à fogueira do Tribunal do Santo Officio. No hábito que me obrigaram a vestir, é substituída a batina e o barrete pela farda do official do exercito Português. O Tribunal do Santo Officio do Século XX, obedecendo cegamente às ordens dos criminosos, por mim legal e juridicamente acusados, «classifica de delito as minhas queixas e de culpas os meus gemidos; para este Tribunal é virtude e legalidade os Ministros cometerem crimes, e crimes, os cidadãos acusarem os Ministros criminosos».

Prende assim, a Santa e Republicana Inquisição, amordaça e reduz ao silêncio os cidadãos conscientes que cumprindo o seu dever, denunciam os crimes de seus Venerandos Chefes, Donos Presentes das Terras de Portugal.

No auto de fé consta que os inquisidores, cometeram graves crimes, pois é preciso que eu seja queimado, para que assim, pela minha morte, em paz e socego, fiquem os criminosos.

E' este o grande pensamento, é esta a infantil vontade dos Traidores da Pátria, e inimigos da República.

Alfredo de Sousa Azevedo

Voluntário, ferido da guerra

EM CUBA

Três militantes operários injustamente acusados de envolvimento

Na cidade de Habana, capital da república de Cuba procura-se praticar uma vingança contra os militantes operários Angelo Arias, Eduardo Rivera e Luis Queiroz pretendendo-se fazê-los condenar nos tribunais como autores de envolvimento produzidos pela cerveja «Polar».

A acusação é falsa. Trata-se duma vingança dos proprietários da fábrica de cerveja «Polar» contra aqueles operários, elementos do sindicato da indústria fabril, por eles terem tomado parte activa na boicotagem contra a cerveja saída daquela fábrica.

A boicotagem declarada pelo proletariado contra aqueles industriais tem sido coroada de tal êxito que a fábrica «Polar» encerra-se em grave risco de quebrar fraudulentamente. Como os referidos camaradas tomaram no movimento de opinião que declarou a boicotagem, um papel bem saliente, os industriais escolheram-nos para suas vítimas.

No intuito de conseguir que os tribunais os condenem os industriais têm prodigalizado dinheiro, sabendo perfeitamente que a justiça em Habana se rende a quem mais dá.

Encontra-se formado um comité de defesa daqueles camaradas que toma a seu cargo todas as despesas e vem realizando uma activa agitação para que eles não sejam vítimas da vingança dos industriais e da desonestidade e corrupção dos juizes.

Um guarda cívico generoso

Vieram relatar-nos que o guarda cívico 1.069, da esquadra da Boa-Vista, António Joaquim Fernandes Emidio, encontrando ontem na rua do Sêculo, um pobre homem a quem a fome torturava, o levou a uma taberna próxima para lhe dar de comer.

Apraz-nos registar actos desta natureza, que são uma compensação das constantes violências que tam triste realidade tem dado à corporação policial.

tor, um agente de produção, de cooperação cada vez mais eficaz.

Essa diferenciação de funções não vai ao ponto de obliterar o nexo social a interdependência de todos os fenómenos sociais fazendo de cada órgão um agregado à parte, que nada tem com os demais agregados, porquanto são todos de natureza social.

Na sociedade humana tudo se liga, tudo é solidário; e basta romper-se o equilíbrio num dos seus agregados para que os demais agregados, mesmo os mais afastados, se ressentam.

Assim, por exemplo, quando observamos, pela estatística, que a alimentação dos operários é inferior à sua despesa fisiológica, que no trabalho, nós verificamos que esse desequilíbrio se compensa pelo gasto dos tecidos, à custa das reservas fisiológicas do operário e que esse novo equilíbrio forçado se repercute funestamente no conjunto da estrutura social isto é, sobre a recíproca situação de cada uma das suas partes componentes; prejudicando não só os indivíduos, mas toda a sociedade, em geral.

AS ESCOLAS PRIMARIAS SUPERIORES

Continuando com os confrontos

E disse uma verdade, talvez se queira, não obstante ele é o do grupo de que fazia parte — essa grande pleiade dos dissidentes progressistas — concorrer nessa ocasião poderosamente para a implantação do novo regime.

Passado pouco tempo a República não veio, mas levou-a o povo de Lisboa para os pagos do concheio, e de lá a transportaram os políticos para o palácio de São Bento, onde a tem sujeitado às maiores penitências...

E decorridos alguns meses decretava-se de lá a transformação das escolas normais e de habilitação para o magistério, em primárias superiores.

Foi o primeiro erro cometido. Hinte Ribeiro tinha criado as escolas normais distritais, não com o fim único de dar grande desenvolvimento à instrução popular, criando muitas escolas, visto que haveria muitos professores.

A intenção era bem outra: Havia nelas uma grande força política, porque os galopins, protegendo os alunos que as frequentavam, tinham nas famílias bastantes votos para a urna.

Ninguém o pode contestar.

Vinha depois a colocação dos professores e aí tinhamos nova garantia na ocasião de eleições.

Esta era a questão política. Mas a social também lucrava com ela, porque algumas escolas populares se iam criando, e nem todos os professores, que fossem nomeados para elas, ficariam na dependência dos políticos monárquicos, que os colocassem.

Os homens da República, porém, entendiam, e bem mal, que era melhor transformá-las em escolas complementares — a que deram a pomposa denominação de primárias superiores.

Pois parece-nos que esses estadistas teriam procedido com mais tática política, se conservassem essas escolas, dando-lhes o carácter de regionais, e os professores que não tivessem colocação no seu distrito, depois de criadas tantas escolas no país quanto são, pelo menos, os actuais soldados da guarda republicana, fossem missionários nas nossas possessões ultramarinas, ensinando em harmonia com os conhecimentos, que tivessem adquirido nas escolas por onde haviam sido diplomados.

Isto é que seria uma grande medida de carácter democrático.

Transformadas as escolas de habilitação para o magistério, assim como as normais propriamente ditas de Lisboa, Porto e Coimbra, em primárias superiores pela Lei de 22 de Março de 1911, continuaram a subsistir ainda por alguns anos (bem conheciam os republicanos que era um erro gravíssimo suprimi-las), até que, no reinado de Sidónio Pais, um dos seus secretários de estado encarregado de colocar afilhados, fez a verdadeira conversão (ou inversão?), e pôs a funcionar novas escolas normais, praticando a violência de não colocar nelas os professores das extintas...

Calando o sidonismo, os republicanos voltaram com toda a energia a tratar das questões de carácter educativo.

Além das escolas invertidas, criaram-se mais algumas dezenas delas, do mesmo tipo já se vê, mas como elas não estivessem muito firmes nessa crítica posição, os inumeráveis ministros da Instrução pública, que mês a mês se têm seguido uns aos outros, têm tentado segurá-las, escorando-as com decretos, que de cada vez, as têm entorpecido mais.

Aparece agora essa Implacável foice da «Serra Nova», e corta-as pela raiz, visto que algumas, em vez de trigo tremem, somente tem produzido «joio de nove meses»...

E com certeza vai-se fazer nova sementeira, muito semelhante à que fez na universidade de Benfca o secretário de Estado da pasta da instrução, no reinado de Sidónio Pais.

E os celeiros da democracia vão ficar cheios de grãos dos mais bem sazonados...

D. M. C.

Desejamos fazer umas ligeiras emendas em as linhas, que mencionamos, do nosso último artigo. O período que começa na lin. 29 foi redigido assim: «Os governantes da república, na sua maioria, «parece» que tem sido cruéis com a instrução popular».

Como passou à revisão, dá uma afirmativa gratuita, de que não pretendemos tomar a responsabilidade moral...

E no que principia na lin. 63 lê-se: «curso suplementar, e nós tínhamos escrito «curso complementar», porque é o qualificativo oficial. — D. M. C.

MARINHA MERCANTE

Protecção escandalosa

Para se servirem os interesses dum armador, põe-se em risco a vida dos tripulantes

O sr. J. J. Correia da Silva, que toda a gente conhece pelo seu ódio torrencial às classes marítimas, armou em armador não só para explorar os marítimos como também para lhes fazer o que Pombal mandou fazer aos jesuítas.

Este cavalheiro que ainda não há muitos anos era empregado, entendeu por bem fazer-se armador, visto os marítimos serem bons de mais para os seus patrões.

Como, para ser armador, é necessário algum dinheiro para arranjar muito mais, este «benemérito» começou comprando navios, que só para sucata serviam.

Como que fim? Para desenvolver a marinha mercante? Não. Pois que se fosse com esse fim, não o faria em navios há muito condenados, mas sim naqueles que oferecessem condições de navegabilidade, como se encontram muitos fundados no Tejo, que não navegavam porque ao J. J. Correia da Silva não convém.

Só lhe convém navios semi-inutilizados — a vapor, carregos de gasolina ou de outras matérias inflamáveis, para serem deprezados pelos ares — como sucedeu ao «Luso». De velas — verdadeiros cestos a meterem água — carregos de sal para se submergir tudo, excepto as vidas dos marítimos, e assim se consegue ter bons automóveis para o conduzir a Santa Mancela igreja, onde vai, aninada das vezes, adorar a Deus, pedindo-lhe que mande mal tempo para castigar os marítimos e pagar as Companhias de Seguros...

Tudo isto está certo na sociedade actual, o que não está certo, é os marítimos depois de este sr. ter, por tantas vezes tentado afogá-los em lágrimas, para melhor manter a sua opulência, tente, propositalmente, afogá-los nas violentas ondas oceânicas.

Não contente com os navios «sucatas» que tem tido e que o seguro lhe paga, tenta mais uma vez não só roubar o seguro como a vida aos marítimos — tripulantes da barca «Bela Vista».

E' sobre este navio que algo diremos: Este navio foi comprado — como tantos outros nestas condições — pelo armador J. J. Correia da Silva, tendo, para evitar que se afundasse mesmo no Tejo, de levar para bordo 10 homens para tocarem as bombas de noite e dia; passado isto fez-lhe uma pequena reparação de calafate, visto o navio não agüentar grandes reparações por ter o caverno todo podre.

Depois carregou-o de sal, para seguir viagem para o Funchal (Madeira). Um verdadeiro precipício: os tripulantes matricularam-se nele sem conhecer o seu estado e enganados pelo capitão.

Uma vez a bordo, verificaram que o navio fazia 60 polegadas de água por hora, que tem a chapa da péga, do mastro real partida, que a péga está completamente podre, caindo a bocados; que o mastro do joanete da proa está totalmente partido, que alguns suaves estão velhos e desfazendo-se, que os panos estão todos podres e enfim em estado de inavaliabilidade.

Uma carta à capitania fez comparecer o capitão do porto e a respectiva vistoria; feito isto, verificaram o mau estado do navio, pelo que o capitão do porto captou a matrícula e embargou a saída do navio.

O capitão do porto, ouvindo alguns da equipagem do navio, mandou-os acompanhar à capitania a fim de prestarem declarações.

Uma vez na capitania apareceu de súbito o J. J. Correia da Silva, arrastando o seu manto de presidente dos ad-

ministradores e alma negra das classes marítimas, dirigiu-se ao gabinete do porto e entra.

Alguns tempo depois, sem serem ouvidos os tripulantes, foi ordenado aos mesmos que se apresentassem ao capitão do navio.

Encostou-se então o navio com pequenas reparações a fim de iludir as leis e a vida dos tripulantes, para seguir viagem.

O mais interessante é que o capitão do porto — antes de falar com o J. J. Correia da Silva, — diz que o navio não podia seguir viagem.

VIDA POLITICA

P. R. Radical. — Comissão de Santa Catarina. — Reúnem hoje, pelas 21 horas, na sede da comissão, rua do Poço dos Negros, 70, os filiados no partido Radical, residentes na freguesia de Santa Catarina, a fim de elegerem a nova comissão política.

Partido Comunista Português. — Comuna Danton. — Reúnem no dia 29 a comissão administrativa que exarou na acta um voto de pesar pela morte inesperada de Lénine.

Registou com satisfação e regozijo o enorme incremento de filiados na comuna.

Resolveu convocar a assembleia geral para o próximo dia 12, a fim de tratar assuntos de importância e nomear os delegados à conferência regional a realizar no mês de Abril.

A comissão administrativa ficou composta da seguinte forma: Secretário geral, J. Diamantino; secretário adjunto, José Soares; tesoureiro, Sebastião Simões; arquivista, A. Santos Valdes.

Toda a correspondência referente a esta comuna deve ser dirigida a J. Diamantino, rua 7 Molinos, 27, 1.º esq.º.

AINDA O ANIVERSARIO

A BATALHA

Saudações

O camarada Alberto José Alves da Silva enviou-nos a seguinte saudação: Não posso deixar de contribuir para a nossa querida A Batalha. Envio-vos a quantia de 15000 como melhor da amizade que mantenho pelo porta-voz da classe operária.

Na última assembleia geral do sindicato dos confeiteiros e artes correlativas foi aprovada uma saudação à Batalha e resolvido abrir quotas em todas as fábricas para reforçar as manunções do porta-voz dos trabalhadores da região portuguesa.

Enviou-nos também as suas calorosas saudações o camarada António Gomes.

Mais donativos

A. Alexandre de Melo (Cercal do Alentejo), 5000; António Martins Godinho, 7500; Joaquim Vicente, 10000; António Gonçalves, 1500; Manuel Vidal, 10000; Associação dos Empregados de Escritório, 10000; Joaquim B. Pereira, 2500; Alfredo de Sousa Azevedo, 10000; José Augusto de Castro, 5000; Joaquim da Costa, 5000; Associação dos Catraceros do Porto de Lisboa, 100000; Januário Rodrigues, 2000; Quete entre um grupo de operários do Arsenal do Exército, 8000; Ernesto Rodrigues, 2000; César Andrade, 5000; A. S. Vasconcelos, 2500.

Coliseu dos Recreios

Sábado - 3. Sábado ESTREIA

— DA —

Nova Companhia de Circo

As maiores novidades e atrações mundiais

Os mais sensacionais e surpreendentes trabalhos

AS GREVES

Gráficos das Casas de Obras

NOTA OFICIAL DA COMISSÃO

As casas Araújo Commercial, Portugal e Brasil e Rosa Limitada teimam em não conceder o aumento de 30 % sobre os actuais salários oferecido pelos próprios industriais, cuja maioria não compreende os motivos da estranha atitude daquela triidade. Esta comissão que lamenta que os referidos potenciais da grafia, para não concederem um aumento irrisório, prolonguem um conflito escusado, tornará público, amanhã, os nomes dos industriais mais renitentes.

Para distribuição de subsídios e efectuar nova inscrição de camaradas, esta comissão encontra-se na sede do sindicato das 17 às 19 horas.

Operários da fabrica de calçado «Elite»

Mantém-se com o mesmo entusiasmo a greve do pessoal da fabrica «Elite», apesar de já serem decorridos 17 dias de luta, verificando-se a mesma solidiedade do início do movimento.

Ontem reuniram novamente os grevistas para apreciar a nova oferta feita pela direcção da sociedade, de 5 %, após a demarche realizada pelos delegados da Federação. Apreciação largamente essa proposta, foi rejeitada, alvirando o Sr. Marques para que o pessoal que tem ordenados superiores a 12500 não aceitasse os 10 %, e retomasse o trabalho, o que foi também rejeitado.

Foi aprovada uma proposta para continuar o movimento até ser satisfeita a reclamação e ainda outra que propõe a nomeação de uma comissão para elaborar uma nova base de reclamações a apresentar em resposta à oferta feita. Sobre esta proposta pronunciou-se grande número de grevistas que se mostraram dispostos a fazer virar o que reclamam pois é relativamente nada em conformidade com a carestia da vida de hoje de início do movimento.

Hoje reúnem, pelas 19 horas, novamente os grevistas para apreciar os trabalhos da comissão ontem nomeada.

UM DESMENTIDO

O conselho Central das Juntas de Freguesia de Lisboa enviou-nos a seguinte nota officiosa:

«Por alguns dos jornais, mais lidos desta cidade, do dia 4 do corrente, foi noticiado que pelo Conselho Central das Juntas de Freguesia de Lisboa fora presente à policia uma queixa contra os discóculos que no dia 22 de Fevereiro último ultrajaram a bandeira da Pátria, respondendo, quando incorporada na manifestação que ao Parlamento se dirigia a reclamar contra a carestia da vida.

Como tal noticia é destituída de verdade, vem o mesmo Conselho lavar o seu formal desmentido, embora reprove indignado tal repugnante e vil atentado. — O Conselho Central.»

NO PORTO

(Homenagem fúnebre

O Sindicato da Construção Civil do Porto efectua na sexta-feira, pelas 20 horas, na sua sede, rua da Boavista, 327, 2.º, uma sessão de homenagem a Alfredo Henrique Vilas, morto há 3 anos por ocasião de uma greve geral.

No domingo, pelas 10 horas, o mesmo sindicato promove uma homenagem ao coval daquele camarada, fazendo ouvir, para uma e outra manifestação, a classe trabalhadora em geral.

Os que morrem

FALECIMENTOS

Faleceu ontem, a menina Suzete Santos Henriques, filha do camarada António Henriques, componente do S. U. Mobilário e cujo funeral se realisa hoje, pelas 14,30 horas, para o cemitério do Alto de São João, saindo da R. de S. António da Glória, 59, 1.º D.

A comissão administrativa do sindicato, convida todos os mobilários a fazerem-se representar.

SECÇÃO TELEGRAFICA

C. G. T.

Grupo Cova Funda — Recebemos 15865 para presos por questões sociais.

Federação Rural — Recebemos officio e vale na importância de 65100. Amanhã segue expediente pedido, assim como recibos da importância acima.

Federações

CONSTRUÇÃO CIVIL

Associação de Castelo Branco. — Devido à falta de bonus na C. G. T. não foi ainda possível satisfazer a vossa requisição.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo do Porto. — Recebemos o vosso officio já devéis ter recebido o expediente. Breve enviaremos nomes dos delegados ao conselho.

APOLO

HOJE — às 9 1/2 da noite

A paga triunfante a única que se representa TODAS AS NOITES

Infalivelmente da incomparável revista 41.º Fruto Proibido

ENORME EXITO da Companhia OTE DE CARVALHO

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Confeiteiros e artes correlativas. — Reúnem no sábado passado em assembleia geral este sindicato, que apreciou, em primeiro lugar, a situação económica da classe, resolvendo que se procure agora uniformizar o mais possível o salário em todas as casas e, no momento oportuno, fazer uma reclamação de carácter geral por intermédio do sindicato.

Para completar a lista dos corpos gerentes do ano corrente, foram nomeados: Alfredo da Costa Brandão, vice-presidente da direcção; Alberto Pinto das Neves, vice-presidente da assembleia geral, e João dos Santos, 2.º secretário.

Apreciação a situação dos delegados da C. G. T., M. J. de Sousa e Manuel da Silva Campos, foi aprovado um eloquente protesto contra a infâmia dos governantes espanhóis. Mais foi resolvido solenizar o 25.º aniversário da fundação deste sindicato.

CONVOCAÇÕES

Federação Metalúrgica. — Para assuntos importantes, reúne amanhã, pelas 21 horas, o Conselho Federal.

S. U. Mobilário. — Reúne hoje, pelas 20,30 horas, a assembleia geral, para discussão do parecer da comissão de estudo sobre a Caixa de Solidariedade e do relatório deste organismo, devendo comparecer todos os sindicatos.

A fim de prestarem contas das respectivas cobranças, reúnem hoje, com a Comissão Administrativa, os cobradores das oficinas Marcenaria Moderna, Joaquim de Barros e Camilo Lajo Benim.

Federação Marítima. — Reúne hoje, pelas 20 horas, a Comissão Administrativa para assuntos urgentes devendo comparecer o secretário administrativo e os delegados das classes de longo curso.

Federação da Construção Civil. — Conselho Federal — Reúne amanhã, sexta-feira, para tomar deliberações sobre a correspondência dos organismos aderentes.

S. U. da Construção Civil. — Secção Profissional dos Cantoneiros e Polidores de Mármore. — São convidados a reunir hoje, pelas 20 horas, todos os cantoneiros e polidores, associados ou não, para se apreciar a crise de trabalho que lava na classe e a destrambelhada maneira como estão sendo feitos, nos cemitérios de Lisboa, as limpezas de jazigos, confiados em grande parte a indivíduos de outras profissões, do que resulta grave prejuizo moral e material para a classe, que vê assim aumentar o número dos seus componentes sem trabalho. Que nenhum camarada falte a esta reunião, em que será apreciada, também, uma representação que, sobre o assunto, vai ser entregue à câmara municipal.

Secção Profissional dos Pintores. — Mais uma vez se convida a reunir com a direcção, na sede sindical, a comissão revisora de contas, a fim de serem verificadas as contas do ano transacto.

Se a reunião não realizar por falta de comparecimento dos convocados, o secretário desta secção entregará o assunto à Federação da indústria.

Convida-se o conselho administrativo a reunir amanhã, pelas 21 horas. Igual convite se faz à comissão revisora de contas e aos camaradas que foram nomeados pelas secções profissionais para fazerem parte daquele conselho.

Federação do Livro e do Jornal. — Reúne amanhã, pelas 18 horas o conselho central.

Federação dos E. no Comércio. — Junta Sul. — O secretário desta junta reúne hoje, pelas 21 horas.

S. U. Metalúrgico. — Para resolver uns assuntos de suma importância e urgência, reúnem hoje, às 21 horas, em conjunto, as comissões administrativas, de melhoramentos e pró-sede, sendo necessária a comparecimento das camaradas que fizeram parte da transaccão comissão pró-sede, especialmente o tesoureiro.

Para se chegar a acôrdo sobre a reclamação a fazer aos respectivos industriais sobre aumento de salário, reúnem hoje, às 20 horas, todos os ferradores que actualmente fazem parte do Sindicato Unico Metalúrgico.

Compositores Tipográficos. — Reúne hoje a direcção deste sindicato, pelas 17 horas.

Fragateiros. — Reúnem a assembleia geral para apreciar assuntos pendentes entre o presidente cessante e os novos corpos gerentes. Foi nomeada uma comissão revisora de contas, composta de 5 membros, que hoje reúne pelas 8 horas.

Os novos corpos gerentes reúnem hoje, pelas 17 horas.

Calceteiros. — Reúne hoje a assembleia geral, pelas 19,30 horas, para eleição dos corpos gerentes para o corrente ano, apreciar dois officios, apresentação de contas do tesoureiro do conselho técnico e apreciar trabalhos da comissão de melhoramentos sobre os aumentos em atraso.

Manipuladores de Pão. — Todos os camaradas que possam fazer-lo, devem vir hoje, pelas 14 horas, à sede actual deste sindicato, a fim de adquirir os manifestos de convite para a assembleia magna da classe, que se realisa no próximo domingo.

SINDICATOS

DA PROVINCIA

S. U. Metalúrgico de Almada. — Reúne hoje a comissão administrativa.

Reúne-se amanhã a Batalha para a passagem do seu 5.º aniversário e enviar a importância de 13500 proveniente duma quota tirada numa 3.ª transaccão. Foi tomado conhecimento da recbentura do Sindicato de Aviz.

Eden-Teatro

HOJE — às 21,15 horas — HOJE

O maior de todos os êxitos Últimas representações da celebríssima revista em 2 actos

PAZ ARMADA tomando parte o número 6 de agraço unânime THE PALACE GIRLS apresentadas pelas

HERMANAS GOMEZ 5 encantadoras Girls 5 acompanhadas pela encantadora BLANQUITA GOMEZ, tocando Jazz-band.

Segunda-feira, 10 de Março: Récita da actriz **LAURA COSTA** com a revista **Tic-Tac** (completamente remodelada)

Interesses de classe

Aos operários do Município em geral

Camaradas: — A vós me dirijo, esparado de que se ouviu e se pôr termo à injustiça criminosas, única responsável da situação humilhante em que labutamos. De há tempos a esta que venho constatando com mágoa a vossa attitude extremamente criminosas, perante a vereação municipal que se apostou em nos arrancar a pele, vedando-nos assim o direito incontestável à vida. E' manifesto o escárnio que os nossos verdugos nos oferecem, quer moral, quer materialmente, dando-nos um mísero salário em troca do nosso esforço físico, salário que oscilla entre 75000 a 9000, o que traduz bem o desprezo pelos que mourejam, sem que disfrutem o produto do seu labor cotidiano, e bem como de ordem moral, por vários regulamentos impostos pelos anodadores, aparelhadores, encarregados, mestres, etc., etc., mas que provavelmente diminuem da vereação, não sendo porém tais regulamentos tomados a sério.

Outra infâmia não menos digna de menção. Conforme resolução camarária, há alguns anos que se concedia ao pessoal uma licença de 8 dias com vencimentos, sem que fosse feita qualquer exclusão. Pois a excellentissima vereação, ou quem superiormente superintende nos serviços municipais, ordenou que a todos os operários, que nobre e altivamente aderiram ao movimento contra o aumento do pão, em Setembro passado, fosse cortada essa concessão, fazendo assim causa comum com a Moagem e apaniguados. E' objecto tal procedimento.

A isto deve responder sem demora o operariado municipal, fazendo vir a queles vivem do suor alheio que já mais estaremos dispostos a resignarmos-nos, e que a hora do despertar chegue, não sendo nós os escravos de outrora, juncos à canga e submissos ao receio. Para isto torna-se necessário que todo o operariado municipal ingresse sem demora no seu sindicato, formando assim uma barreira forte e indestrutível contra a sociedade capitalista que nos oprime, acompanhando a par e passo a transformação social que se opera dia a dia.

Apelo para aqueles que almejam uma sociedade justa e igualitária, liberta de escravos e senhores, para que exponham as suas opiniões acerca de temas magnos assumto, pois que se trata do levantamento duma legião de produtores que até aqui tem jazido num marasmio criminoso.

Que o meu clamor não seja em vão o reforço a ideia de que a associação é o reduto dos explorados contra os exploradores.

Alfredo Pereira VAZ
Operário do Município

ASSOCIAÇÃO DE CLASSE

INSERITOS MARÍTIMOS PORTUGUESES

Esta associação, em assembleia geral do dia 26 de Fevereiro de 1924, resolveu por unanimidade o seguinte:

1.º, Que a escala de embarques seja mantida com regularidade;

2.º, Fazer a publicação destas resoluções no jornal A Batalha durante 6 dias;

3.º, Dar o devido conhecimento à Federação Marítima para que a mesma intervenha quando o delegado da classe o julgar necessário para completa solução dos conflitos que se dêem com as casas armadoras;

4.º, Que todas as cédulas devam dar ingresso no Sindicato desde já;

5.º, Que os componentes deste Sindicato não devem pedir lugar a bordo com as cédulas em seu poder;

6.º, Esta entrará em vigor após 6 dias da publicação no jornal.

Importação proibida

O governo de Moçambique, requisitou munições militares para fazerem parte da banda de música daquela provincia, e informa que em vista da grande epidemia de febre aftosa, que está produzindo enormes estragos no Reino Unido, foi prohibida a entrada na provincia a importação da Gran-Bretanha e Irlanda de gado vacum, suino, caprino e lanífero.

As 20 horas, devendo comparecer os cobradores.

Trabalhadores Rurais de Ervedal. — Reúne a assembleia geral no dia 1, que apreciou o relatório do delegado que foi representante este sindicato junto da Associação da Construção Civil de Ponte de Sôr. Nesta assembleia falaram: José Mariano, sobre erros cometidos por alguns camaradas e a maneira de os evitar; Joaquim dos Santos Pinto, que se refere aos conselhos técnicos e a necessidade de os desenvolver para habilitar os trabalhadores para o futuro, e José de B. Missionário: que relata o que foi a manifestação de Lisboa em 22 de Fevereiro.

Deliberou-se saúdar A Batalha pela passagem do seu 5.º aniversário e enviar a importância de 13500 proveniente duma quota tirada numa 3.ª transaccão. Foi tomado conhecimento da recbentura do Sindicato de Aviz.

Teatro Nacional

Telefone N. 3049

HOJE quinta-feira HOJE

a deliciosa e sugestiva comédia

CARTA ANONIMA

Em ensaios a peça OS INGLESES

original do escritor LORJÓ TAVARES

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Os trabalhistas no poder

